

LEON.

O Nicaragua é uma região como não existe outra, e que a Providencia accumulou de todos os dons: situação, clima, fertilidade, magnificencia, recursos de toda a especie, nada lhe foi recusado. Apesar de tudo isto, o Nicaragua, outrora bastante rico, é actualmente pobrissimo. Os habitantes, em verdade, contando muito com a fecundidade do solo, fazem poucos esforços para reconquistar o poder de que gosavam antigamente: baloiçar-se n'uma rede, beber chocolate e fumar, eis as suas occupaões ordinarias.

Devemos comtudo juntar a isso os combates dos gallos. Depois das cartas e dados, é o divertimento que mais os occupa.

A capital do Nicaragua é Leon. Esta cidade, edificada no estylo ordinario d'America hespanhola, tem as ruas estreitas, e guarnecidas de casas d'um só andar, cobrindo immensa superficie, construidas em forma quadrada. O centro é um espaço aberto, geralmente plantado d'arvores e flores, ao redor do qual ha um largo corredor, igualmente aberto, que permite a entrada para certos espaçosos, elevados e admiravelmente adaptados ao clima.

Nicaragua possui muitos vulcões celebres, e entre outros o Ometepe, de figura conica, e cinco mil pés d'alto. Proximo d'este lugar está situado o forte San-Carlos, para onde se vae pelo rio San-Juan, cuja foz é dominada pela cidade de Greitown.

VOL. II. — 4.ª SERIE.

#### CONSUMMATUM EST.

Ha um drama que, vae por dezenove seculos, se repete anno a anno, sempre grandioso, sempre sublime, como o pode ser o mysterio da redempção humana!

Estamos no uso de acompanhal-o d'algumas observaões, e não deixaremos este anno de seguir esse piedoso e religioso costume.

A igreja está em luto!

Despojados os altares de suas galas; retiradas as imagens dos martyres que deram a vida pela fé christã; velados os vultos dos confessores que altamente proclamaram Jesus, o templo incute no animo dos que o visitam aquella santa e religiosa tristeza de uma acerba afflicção, de uma incomensuravel dôr!

E porque essa myriada de bemaventurados, que incessantemente louvam o Santo dos Santos, retira-se n'esta sagrada semana da piedosa veneração, que merece, para deixar empregados todos os sentidos da alma christã n'aquelle tremendo sacrificio, que será a eterna condemnação de uns, e a gloriosa resurreição de outros!

Em toda a parte do templo só o Christo, representado nos diferentes passos da sua mysteriosa paixão!

Junto d'elle só o grande coração materno, para

ABRIL, 3, 1858.



symbolisar os dolorosos trances em que abraçada com a cruz recebeu Maria o titulo de carinhosa mãe do genero humano !

Em toda a parte do templo os instrumentos do martyrio, para recordar aos homens a sua ingratição !

No logar mais excelso do throno o cordeiro sem mancha, repoisado sobre o livro dos sete sellos, para chamar a memoria a expiação que, pelos outros, o Filho de Deus tomou sobre si, e fazer tremer desde já o homem ingrato no pensamento do futuro dos futuros, quando se romperem aquellos sellos !

Resoam vozes !

Não são os canticos alegres que os levitas entoam diariamente louvando o Senhor.

São as falsas accusações que se fizeram ao Justo; são as tristes lamentações dos prophetas quando choravam a desolação de Jerusalem; são os vehementes suspiros da Mãe desolada que assiste ao trance do que mais amou; são finalmente os soluços dos que pranteiam Jesus no *consumatum est* do seu sacrificio !

Essa densidade opaca que por toda a parte se enxerga, são as trevas de que o dia se cobriu, retirando horrorisado a luz de sobre tamanho crime e ingratição !

Esse fragor subterraneo que abala as abobadas do templo, são as convulsões da natureza pelo horroroso attentado que mãos de homens acabam de commetter !

Essas vozes de misericórdia que repentinamente eccoam, são as primeiras que solta a resurreição da carne, ao entrar no limbo esse Espirito Divino porque ha tantos seculos os patriarchas esperavam !

Emfim, todo esse cataclysmo de que o mundo esta dando exemplo n'este momento, estalando as pedras, revolvendo-se as sepulturas, escurecendo-se o astro do dia, rebentando a propria natureza, está apregoando por milhões de boccas que os homens crucificaram o seu Deus !

.....

Dôr infinita, quanto infinita será a alegria !

O instrumento do crime transforma-se em instrumento de salvação :

A morte do immortal é a vida de todos os mortaes :

O cataclysmo da natureza é a regeneração do universo :

O corpo do Justo, que baixa ao sepulchro, resuscita a carne para uma vida immortal !

.....

Avè, Rex ! salvè, Christe !

Os que padecem e gemem n'este momento desafogam de lagrimas o coração, que dentro em pouco tem de se regosijar na *Alleluia* !

## VIAGEM AO MINHO.

SEGUNDA PARTE.

(1855.)

CAPITULO III.

Os ensaios para a festa de Santa Cecilia. A civilisação, a instrucção, o talento e a modestia. — Outra vez os calés e a sciencia. — O jogador de bilhar. — Bellas artes. — As minhas noites. — O meu frade de pedra e a minha janella na Praça Nova. — A gente do Porto

Ha na rua das Hortas uma philarmonica onde se estão ensaiando varios curiosos que devem cantar na proxima festa de Santa Cecilia. Um dos socios convidou-me a prestar a parte cantante o auxilio da minha voz, porém eu tive a modestia de me recusar. Não confio assaz na qualidade, e afinação do meu canto, nem mesmo para acompanhar um côro do pirolito; comtudo, não ignoro o que seja cantar bem ou mal, e distingo a boa musica da que o não é; ainda mais: é a musica uma das minhas paixões, e antes queria ser Verdi do que Napoleão. — Fui aos primeiros ensaios da philarmonica e não me desagradou o que lá vi e ouvi. O canto ensaia-se ao piano, e entre as cantoras — que se dizem curiosas — algumas ha que são verdadeiras professoras; os cantores tambem não são dos que fazem fugir o publico, e por isso é de esperar que Santa Cecilia os não oiça com desagrado. Os santos devem ser menos difíceis nas suas exigencias do que os humanos, e como eu fiquei satisfeito é provavel que tambem elles o fiquem.

A sociedade philarmonica, ou assemblea, da rua das Hortas é uma das principaes do Porto, e o seu estado mostra que a civilisação progride aqui em tudo. Já as reuniões, os bailes, e os concertos não acham a opposição que antigamente encontravam. Já não parece mal a austeridade burgueza ver dançar os filhos e as filhas, nem se impede que cada um estude todas as coisas proprias do seu sexo, e mostre as prendas de que o dotou a natureza, desinvolvidas por uma educação mais esmerada. Pode mesmo dizer-se que se procura dar ao sexo feminino maior instrucção que ao masculino. A musica, o canto, e o desenho são geralmente cultivados pelo primeiro; ao segundo, porém, não se lhe prestam mais cuidados do que os indispensaveis para se lhe ensinar a escripturação mercantil. O resto do que aprendem os mancebos, geralmente, quasi que a si o devem, e á boa vontade que teem todos de se instruirem. E, de passagem, devo notar que os portuenses são dotados de uma rara intelligencia, habeis para todas as artes e sciencias que aprendem com facilidade quando a ellas se dedicam, e mais amigos do estudo e do trabalho de que os lisbonenses. Tenho por certo que haverá na capital mais talentos aproveitados do que n'esta cidade; mas lá, se não sobejam os meios para se estudar, não escaceiam tam-



bem tanto como aqui. E apesar d'isso ha no Porto alguns rapazes que consagram ao estudo todo o seu tempo, e que principiam a tornar-se notaveis em todos os ramos da sciencia e da litteratura. Agora, perdoem-me os meus quasi patrios de Lisboa, o que os talentos portuenses tem incontestavelmente superior aos da capital é a modestia. Não digo que sejam todos, porém a maior parte, e alguns que tem bastante de que mostrar orgulho, possuem n'um alto grau aquella excellente qualidade, muito mais apreciada por que acompanha o verdadeiro merecimento. Por vezes me pareceu que em alguns havia excesso, ostentação de modestia, que bem podia tomar-se por orgulho, ou vaidade; mas o resultado das minhas constantes observações me provou o contrario.

A casa de Guichard, á esquina da Praça Nova, e a mais conhecida loja de bebidas do Porto. Como já disse, em outro logar d'esta viagem, é ali que á noite se reúne uma grande parte da mocidade intelligente da terra. É sabido que hoje se passa pelo menos um quarto da existencia nas salas dos cafés; salas que são verdadeiros receptáculos da sciencia, aonde se entra ignorante e d'onde se sae pouco menos que encyclopedico. Os cafés tem mais importancia no desenvolvimento da moderna civilização do que as Academias e os Institutos scientificos. Eu, como toda a gente ambiciosa de saber, passo as minhas noites nos cafés do Porto. Devo, porém, confessar, para minha eterna vergonha, que em Lisboa não vou, ou raras vezes vou, a uma d'estas fontes de sabedoria; não se julgue ainda assim, que é por desconsideração, ou por eccentricidade que procedo d'este modo. Não senhor; eu respeito uma loja de bebidas como respeitaria a Sorbona. A razão porque deixei de as frequentar é simplesmente porque já sei de córtodas as questões que ali se tratam, e todos os discursos que é uso pronunciarem alguns sabios; n'uma palavra: como lá se dizem sempre as mesmas coisas pelas mesmas phrases (provas de que as regras da oratoria são invariaveis), e como eu ainda tenho boa memoria, aprendi da primeira ou segunda vez toda a sciencia que ensinam os doutores botequineiros, e por isso não tenho precisão de lá tornar.

No Porto não é a mesma coisa. Aqui, devo frequentar todos os logares onde se podem colher observações para a historia dos costumes e da vida de um povo; vou aos cafés para estudar uma certa feição da população, que se não encontra em outra parte. Se a minha missão fosse, por exemplo, pintar o jogador de bilhar, onde o iria buscar senão aqui? Onde o estudaria senão quando elle se vae sentar na ponta do banco de vinhatico, á espera que dois curiosos larguem os *tacos* para elle os empolgar, como se fôra um thesouro, e propor uma partida a um rival *que tem fama*, e que ha dias lhe deve uma desforra? Mas realmente, custa-me a passar por elle sem o marcar na minha carteira com dois

traços de lapis. Desculpe-me o leitor amigo e o inimigo tambem, mas ahí vae o esboceto do meu homem: — É um estrangeiro que se diz italiano, e que accusam de ser hespanhol; não se pode pelo seu idioma descobrir-lhe a patria porque ha n'elle phrases tiradas de cinco ou seis linguas. Deve-se-lhe porem fazer a justiça de confessar que o *seu portuguez* é até um certo ponto decifrável. A sua estatura é colossal, o cabello castanho claro, e a physionomia não tem nada de repugnante. Os seus olhos azues, que devem ter sido bellos e intelligentes, mostram-se embaciados como o vidro de um espelho quando se lhe chega o bafo. Um grande bigode ruivo cobre-lhe quasi a bocca; no resto da cara não usa barba, mas a ausencia da navalha parece datar de ha oito dias. Os braços são immensos, e as pernas custa a ver-se-lhe o fim quando se desce a vista do tronco por ellas abaixo. O seu traje é simples: sobrecasaca abotoada, e de um panno que com o tempo tomou a cór dos telhados novos depois de sentirem as primeiras aguas; calça preta, igualmente penalizada do muito serviço a que a obrigam; chapeo de seda tambem preto, e que protesta n'um estado de eloquente arripiamento contra a sua prolongada e laboriosa existencia, sempre faminta de escovas, e desapiadadamente exposta ás chuvas dos invernos, e aos ventos ardentes dos estios. O meu homem é magro, flexivel, e mesmo elastico nos seus movimentos. Não é do Porto mas vem aqui algumas vezes. A unica profissão que se lhe conhece é a de jogador de bilhar, na qual, segundo a expressão consagrada por elle, *tópa a tudo*; mas o seu genero mais favorito são as *carambolas*. Não se imagine, porém, que o nosso homem joga todos os dias; o professor não abusa da sciencia; senta-se gravemente na sala do bilhar, mette no canto esquerdo da bocca um *cigarro brejeiro*, crusa uma perna sobre a outra, e apoia n'esta uma das mãos, inclinando o corpo ligeiramente para diante. N'esta posição, que é para elle de ineffaveis delicias e a mais superior a quantas possa tomar um homem pratico em bancos de casas de bilhar, segue todos os movimentos dos jogadores, interessando-se tanto pelos que jogam bem como pelos que jogam mal. De vez em quando tira o cigarro da bocca e deixa errar nos labios um sorriso de commiserção, por ver falhar uma tacada; outras vezes sacode a cabeça em signal de que desaprova o jogo que vae tentar um dos parceiros; as bolas correm, sae mau o lance, e elle saboreia com prazer o seu cigarro vendo realisada a sua previsão. Se pelo contrario o parceiro fez o jogo que elle approvava e este jogo tem successo, cil-o gosando do triumpho da sua sciencia, e lançando ao ar, em signal de suprema felicidade, uma baforada de fumo capaz de asfixiar duas companhias de bombeiros. Se os que jogam são professores, o meu homem aquece, faz gestos involuntarios, segue com olhar ardente a bola que vae carambolar, e se não vem a ca-



tambola que elle tinha julgado infallivel, dá um grande murro n'um joelho para se punir do erro commettido por outro. Estes são os seus gosos ordinarios; quanto aos extraordinarios, os mais palpitantes, são aquelles em que lhe apparece um rival de nome, *que se bate a valer*; o que significa: a pinto por partida.

Quando os *empresadores* largam o taco o jogador de bilhar apodera-se d'elle, e repara em torno de si, procurando quem queira *matar o bicho, mesmo a brincar*. Se não vê ningnem que lhe convenha, exereita-se sósinho por alguns minutos e depois de fazer varias bolas difficéis, em que uma avança e outra recua como exemplos da sua habilidade, lança o taco desdenhosamente sobre o bilhar, mette as mãos nas alibeiras, e cantarolando ou assobiando um trecho musical, vae até a porta mirar para que lado correm as nuvens.....

As bellas artes tem muitos affeiçãoados na cidade invicta. A pintura cultiva-se com verdadeiro amor por meia duzia de rapazes de talento. O F. Pinto, e o Resende são duas grandes vocações que um dia virão a honrar a sua patria; estão ambos em Paris estudando sob a direcção dos mais celebres artistas francezes da actualidade. Para realisarem a viagem e a sua residencia em França obtiveram os dois jovens pintores uma pensão de sua magestade o senhor D. Fernando, que é o maior protector e um dos maiores cultores das artes modernas em Portugal. Ha aqui mais dois pintores irmãos, creio eu, que tem já um nome conhecido no paiz; e ha além d'estes ainda outros que brevemente se farão tambem conhecer.

As sciencias, as artes, as letras, a industria, o commercio, a navegação tudo progride, todo o progresso aqui é visivel; e não sei se é por ser mais pequena esta cidade do que a de Lisboa que se sente mais n'ella o engrandecimento, o pullular da vida, o movimento, a innovação e o caminhar do seculo. Seja como fôr, o que não soffre duvida é que a mocidade portuense trabalha, como eu já disse, por se instruir muito mais do que trabalham os rapazes da capital. Note-se que me não refiro aqui aos que são mais ou menos *homens de letras*; e mesmo acerca de alguns d'estes havia muito que dizer: mas quem tem telhados de vidro...

Já por duas vezes, n'este capitulo, desejei explicar de que modo se passam as minhas noites depois que cheguei ao Porto, mas as divagações não me tem dado tempo nem occasião de o fazer. Agora que me acho mais despreoccupado do que de costume, vou erguer o veio que está roubando, á anciosa curiosidade dos pios, e impios, leitores tão interessantes successos.

Em menos de oito dias já eu adquiri os habitos dos mais notaveis madraços da cidade, que vivem do seguinte modo: almoçam ás dez horas; saem ás onze; vão ao Guichard ler os jornaes até á uma hora, e fumam tres charutos durante a leitura; da uma ás tres, se não chove,

encostam-se aos frades de pedra que rodeiam a Praça Nova, e fumam, immoveis, o quarto charuto; ás quatro vão jantar; ás cinco voltam a loja de bebidas, tomam café, fumam outro charuto, e vão retomar o seu logar junto aos frades de pedra; ás seis despede-se cada um do seu frade até ao dia seguinte; dão meia duzia de passeios no angulo oriental da praça olhando para as janellas, e ás sete em ponto entram novamente no Guichard, onde se entregam aos deliciosos prazeres da conversação e do fumo, até ás dez ou onze horas, em que se recolhem, se não fazem visitas. Eis-aqui como eu vivo! Sempre me senti com disposições para esta vida de *lazaroni abastado*, para este *dolce far niente*, este prazer de gastar o tempo inutilmente, que deve corresponder ao goso com que o avaro contempla o seu thesouro, tão inutil como o tempo do ocioso; agora, que pela primeira vez na minha vida não quero trabalhar, aproveito-me da facilidade com que se me depara a vida-airada, e tiro d'ella a parte que mais convem á minha preguiça. Os meus amigos, como bons hospedes, emprestaram-me um frade de pedra, para onde eu vou tambem encostar-me a fumar o meu charuto; e autorisaram-me a olhar para uma certa janella; porque cada um d'estes preguiçosos illustres tem uma janella para onde olha todos os dias.

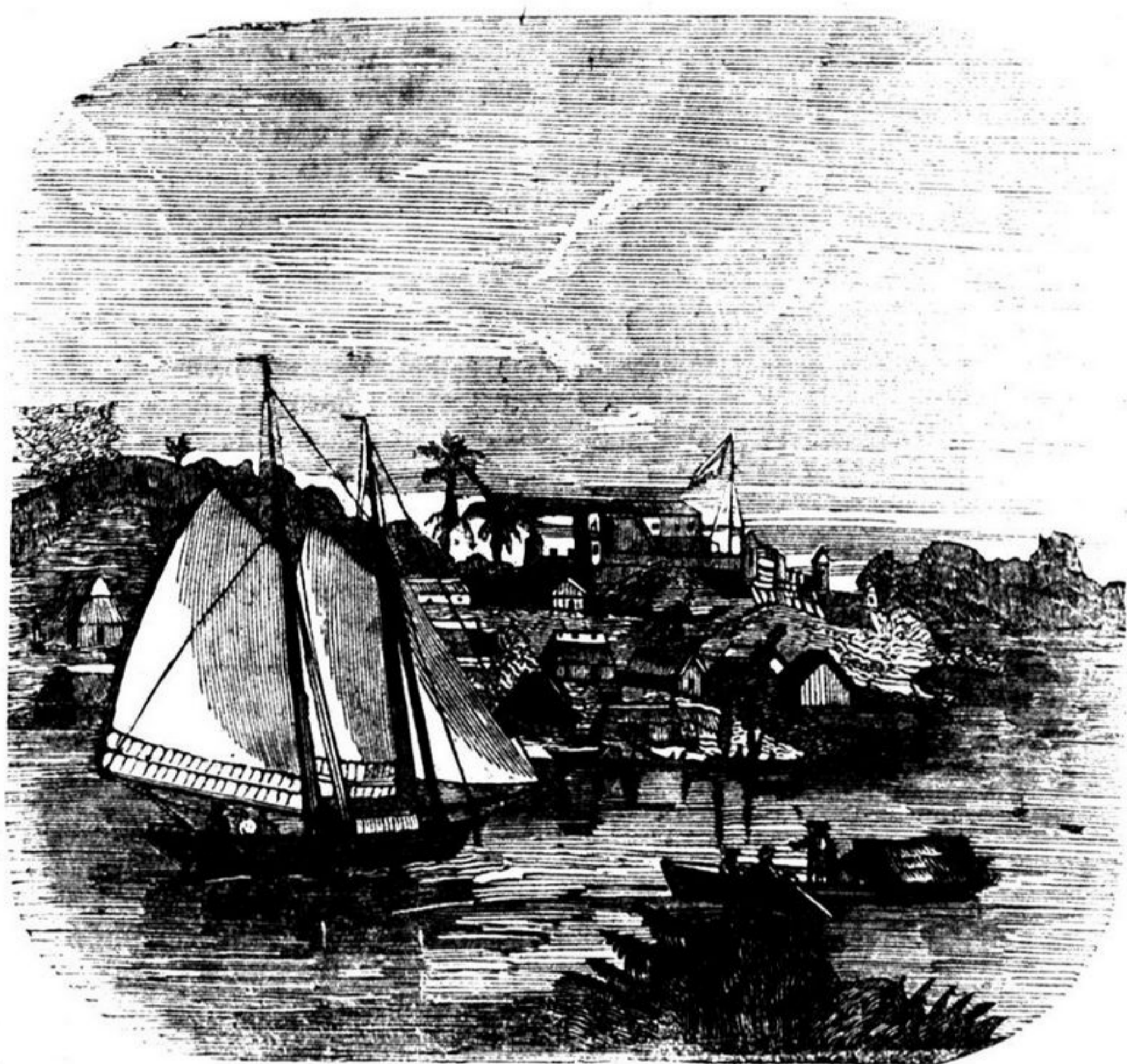
Assim, já o leitor fica sabendo que eu tenho na Praça Nova do Porto o usufructo de um frade de pedra, durante a minha residencia, isto em quanto a camara municipal, que ignora a concessão que se me fez, não houver por bem demittir o meu frade. E tenho mais o direito de olhar para uma janella, em quanto os inquilinos ou proprietarios da casa, a que ella pertence, me não denunciam á policia, como suspeito, por causa da pertinacia com que eu trago os olhos embebidos na dita janella, onde todavia ainda não vi ninguem.

As noites no Café-Guichard não se passam já com a insipidez que ha tres annos ali reinava. O café está sendo hoje mais frequentado, e já se não estranha ver ali qualquer individuo da melhor sociedade portuense. Depois de passado o primeiro ruido da gente que apparece ao accender das luzes, pela volta das oito e meia para as nove horas encontram-se apenas alguns rapazes reunidos em conversação com os quaes se consome deliciosamente o tempo.

Os *cavaquistas* mais assiduos são o Custodio José Vieira, que mandou á tabua a politica e abriu escriptorio de advogado; o Joaquim Marcellino de Mattos, tambem advogado; os Seabras (Alfredo e Amando); o Lousada; o Martinho de Mello da Gama; os Moraes (Antonio e Manuel); e muitos outros rapazes de intelligencia, e boa conversação. Com todos tenho convivido bastante e a todos devo a mais cordeal amisade, que sinceramente retribuo.

O Camillo Castello Branco apparece pouco, mas em compensação sei que trabalha e estuda





FORTE DE SAN-CARLOS.

muito. O Alexandre Braga, Soares de Passos, e varios outros poetas não vão ao Guichard senão rarissimas vezes. O seu centro de reunião é no café da rua de Santo Antonio. Os dois que menciono são excellêntes pessoas, extremamente amáveis, e bem conhecidos poetas. No café do Guichard, ou no da rua de Santo Antonio se passam as minhas noites, quando não ha espectaculos onde é preciso concorrer, havendo-os, para que me não tomem por barbaro nem pareça desconsideração a minha falta. E confesso-te, leitor, que me divirto e vivo alegre com esta boa gente do Porto, boa no sentido mais amplo da palavra, hospitaleira, obsequiosa, finalmente: gente do antigo Portugal que por toda a parte se vae acabando hoje. Mas desenganem-se que isto aqui ainda não é provincia; o Porto é cidade e cidade muito cortezã. E, ainda mal! já aqui se não conserva de outros tempos senão a bondade, por que esta existe na indole dos habitantes; porém os costumes, esses desapareceram. Esses havemos de encontral-os em outra parte, no refugio que ainda lhes resta, e lá mesmo já despidos da originalidade primitiva, adulterados por innovações grosseiras que os tem degenerado...

GOMES DE AMORIM.

O que vive em palacios, sem poder, no hospital vao morrer.

## OS ULTIMOS ANOS DO REINADO DE D. AFFONSO V.

COM DOCUMENTOS INEDITOS.

II

Continuação.

A infanta D. Joanna casara com Henrique IV rei de Castella, no anno de 1455, repudiando este a filha d'el-rei D. João de Navarra seu tio que tinha por mulher. (1)

Nove annos depois, em 1464, Affonso v indo secretamente em romaria a Santa Maria de Guadalupe teve uma entrevista com el-rei D. Henrique e a rainha D. Joanna, concertando casamentos que por diversas razões se não verificaram. (2)

As relações politicas entre os dois reis continuaram sempre estreitas e affectuosas de parte

(1) E neste anno de 1455, el-rei D. Henrique IV de Castella, se quytou da filha d'el-rei D. João de Navarra, seu tio que tinha por mulher e se concertou com elle el-rei D. Affonso de Portugal... (Chronica de D. Affonso v por Ruy de Pina cap. cxxxvi).

(2) Chronica de D. Affonso v por Ruy de Pina cap. clvii: Tomo 1.º dos Ineditos da Historia Portugueza.



a parte. Em 1465, quando alguns senhores poderosos de Castella acclamaram rei a D. Affonso, irmão de D. Henrique, e a rainha D. Joanna veio em seu nome e no de seu marido pedir soccorro, Affonso v convocou còrtes na Guarda, e teria certamente prestado auxilio conveniente aos reis de Castella, se o infante D. Affonso não tivesse morrido de peste, na idade de quatorze annos, na aldêa de Cardenhoso, termo da cidade de Avila. (\*)

E evidente entretanto que as vistas do rei sobre Castella não eram bem acceitas por alguns grandes da còrte de Portugal, e d'isso temos a prova incontroversa em duas cartas ineditas, escriptas pelo duque de Bragança a el-rei em 1468, e 1469, e que tão bem retratam o espirito, os sentimentos e as tendencias da alta nobreza n'essa epoca em que o rei era apenas reputado, e reputava-se elle proprio, o primeiro fidalgo e cavalleiro de seu reino:

« Carta que escreveu o duque de Bragança D. Fernando a el-rei D. Affonso v, em resposta de uma que o dito senhor lhe tinha escripto acerca de varias coisas. Senhor; o duque de Bragança, marquez de Villa Viçosa, conde de Barcellos, de Ourem e de Arraiollos, que muito de vontade deseja fazer-vos prazer e serviços e mandados, envia beijar vossas mãos e encommendar a vossa mercê a quem praza saber que vi a carta que vossa senhoria me enviou pela qual me mandaes que vos responda a certas coisas n'ella contheudas, e propuz de cada uma d'ellas mandar aqui per si e ao pé d'ella resposta do que me parece.

« Item primeiramente ao que vossa senhoria diz que vistes, e examinados os pelos que se allegam, e seguir podem, fazendo-se acatamento vosso com o infante ou não se fazendo se me parece que finalmente a vós e ao reino vem melhor de o fazerdes e acertardes em toda a maneira. Eu não digo que se no sentir necessidade de cazar, pelo d'alma que não sinto proveito para nós, nem para o prazer, nem para a liberdade, nem para a segurança; e para o reino acho por mim grande perda isto, e de muito desgosto.

« Item se vos parece que o dito cazamento se deve fazer e acertar, se os de Castella vos não querem dar a infanta senão que vades viver aquelle reino, se tom tal condição o acceitardes, pelo que segundo vos hei dito, a dita infanta assim o quer, se a lembrança quereis haver necessario vem o irdes a Castella, mas pois eu vos não aconselho ainda a qual ida eu sei que sera mui perigosa e mui amargosa para vós.

« Item se haveis por melhor cazar-vos com a dita infanta, viverdes em Castella ou cá em Portugal, para elle e para vós não ficardes defraudado da herança que esperaes de el-rei D. Henrique; nem encovardes perigo ou perda, pelo capitulo de sua mãe está respondido.

« Item porque sois requerido de vistas em caso que hajais de entender no cazamento e me parece que as deveis de fazer até que os feitos de cazamento sejam chegados a mais certa e firme concluzão, pois vos requerem que vos chegueis para a fronteira de vosso reino, pode hoje vossa senhoria partir para Aviz como dizem que tinheis ordenado e d'ali tratar os feitos, e não façaes vistas senão depois de tudo ordenado.

« Item se as fizerdes que gente levareis e sejam armados ou em som de gente cortezã sem outro aviamento e concerto de armas; e a isto digo depois como soes feito concerto, assim deveis a resposta, porque d'aqui até lá o tempo mostrará o que se hade fazer.

« E não vos contradigo este cazamento por me não parecer nelle, porque em esta cauza sentirei maior prazer do que sentem aquelles que vos esperam haver ducados ou condados: que se la havemos de ir eu não quero de todo ficar sem alguma coisa porque não entendo andar em corte: e hei informação que a villa de Escalona e boa de manter e de caça, e tem boas casas para eu e a duqueza havermos de ali estar, porque me dizem que se parece em parte com a comarca de Riba de Guadiana, e de Terra-cham, e em comer, e o que me praz; aquella me dareis, e não quero mais ducado, nem condado, nem rendas, nem terras em toda Castella; em Escalona trabalharei de ter bons cavalloos aventajados bem pensados e cada semana bem trabalhados para poderem melhor atrotar. Se vos virdes em pressa ali vos acolhei, e vós em um dos cavalloos e eu em outro, e os outros dois que lá terei aparelhados para vos pôr em salvo em Portugal: e então direis que vos faço tamanho serviço como o mestre de Santiago em vos dar a infanta por mulher e o titulo de Castella, porque elle aquillo não poderá fazer e desta vos não poderá livrar: poderá ser que assim livremente o haverá e folgará se se achar em Portugal na terra de seus avós.

« Isto é o que dicta o entendimento dos homens, que deve ser somente não leveis o reino de Castella com tudo o que lhe pertence; mas conquistareis o reino de Granada e tirareis a espada que está em a torre de Fez, e com ella conquistareis o mundo todo como vossa real pessoa merece. Escritta em Villa Viçosa aos dezoove dias de Outubro do anno de 1468.

A outra carta que o duque de Bragança escreveu a Affonso v no anno seguinte, é pouco mais ou menos sobre o mesmo assumpto, e o intervallo de quatro a cinco mezes que medeia entre uma e outra parece ter fortificado as suas opiniões.

« Carta que escreveu o duque de Bragança D. Fernando a el-rei D. Affonso v sobre o casamento da Excellente Senhora: Senhor: O duque de Bragança, marquez de Villa Viçosa, conde de Barcellos, de Ourem e Arraiollos que muito de vontade deseja fazer-vos prazer e serviço e man

(\*) Chronica do principe D. João por Damião de Goes cap. xxxvi. Edição de 1724.



dado envia beijar vossas mãos e encommendar em vossa mercê, a que praza saber que vi a carta que me vossa senhoria enviou com a instrução da embaixada que vos trouxe João Porraz, e eu tanto vos tenho aconselhado em isto já, e tanto vejo fazer o contrario do que eu aconselho, que a vontade cansa tanto de aconselhar, que embarga o entendimento para dar conselho: se por minha vontade fosse, o arcebispo tornaria para Lisboa, e vós não curaríeis mais do feito: mas porque ainda que se nam se hade fazer, respondo que a vós está mal enganardes vossa irmã, e pior ao arcebispo por elle ser enganado: folgava de o ver porque é meu amigo para o aconselhar como nam enganara nem fôra enganado, em tal guiza que se não achasse depois no que se achou o arcebispo de S. Thiago D. Garcia de Benavente por outra tal em que o metteu o effeito do duque de Benavente pela qual causa elle vendo-se enganado deixou o arcebisado e veiu-se a Portugal cá morrer: aconselhava-o por elle não errar aquella que foi ajuda do seu encaminhamento, filha de el-rei D. Duarte, irmã de meu senhor e seu, e ainda o aconselhara pois é meu amigo por não abrir caminho para rirem delle: começo de fallar especialmente agora que vejo já claro o caminho que quero levar, ainda que dantes isso mesmo cuidava: não posso bem supportar de vos mandarem aperceber a vossa gente, porque se cada vez que vos escreverem o quizerdes fazer, tantas vezes vos perceberéis, que vos despercebereis de todo: nam me peza se não porque hamde ser percebidos ao diante para ajudar a parte que se agora prosegue e britarem os limites de paz de que vosso reino he cercado: nam quero fallar em metter os feitos a alonga por nam fazer um partido da Princeza que agora chamam a outra parte.....: que lá haverá assaz em vossa còrte quem em isso vos saberá aconselhar. Escrita em Villa Viçozza aos doze dias de Março de mil e quatrocentos e sessenta e nove.»

Estas hesitações e repugnancias, que parece tinham entrada mesmo no espirito de D. Affonso v, nasceriam do receio de empenhar o paiz n'uma guerra dispendiosa e longa, ou da convicção de que Isabel de Castella tinha direito a successão d'aquelles reinos, sendo a princeza D. Joanna filha adulterina, e fructo dos amores illicitos da rainha D. Joanna com D. Beltran de la Cueva, duque de Albuquerque? Haveria em Portugal a crença de que Henrique iv, não podia ter filhos, por um vicio de organização, que mais de uma vez se produz nas raças degeneradas pelos deleites, e enfranquecidas pelos arduos cuidados do governo, ou pelos habitos de uma vida sedentaria, em successivas gerações?

Damião de Goes dedica um longo capitulo da sua chronica do Principe D. João (cap. xxxv) a combater o quererem accusar por particulares respeitos a el-rei D. Henrique que era inhabil para poder gerar, segundo dizem alguns escriptores castelhanos, entre os quaes Antonio

de Nebrixa, que compoz parte da chronica de el-rei D. Fernando, e da rainha D. Isabel em lingua latina, e falla d'este negocio mui atrevido, e não tão cautamente, nem com tanta honestidade, como a homem grave, e sizudo convinha....

As apparencias todavia auxiliavam efficazmente esta conjectura, porque Henrique iv sendo treze annos casado com a infanta D. Branca, filha de el-rei D. João de Navarra, seu tio, não teve filhos, e desquitando-se d'ella por autoridade do papa Nicolau v, e casando com a infanta D. Joanna, filha de el-rei D. Duarte, e irmã de el-rei D. Affonso v, só sete annos depois do matrimonio lhe nasceu uma filha, a princeza D. Joanna, que mereceu pelos seus infortunios, e pela resignação com que supportou o seu quasi captiveiro no convento de S. Clara, o titulo de *Excelente Senhora*.

D. João, então principe, pelo contrario acolheu com alvoroço o ensejo de poder vir a herdar a corôa de Castella e de Lião, e pedia aos mais intimos de seu pae para que o aconselhassem a acceitar o casamento e a empresa de Castella. (\*) Eram escusadas tantas instancias: Affonso v era convidado, pelos mais energicos estímulos, a correr aquella nova aventura, que tudb assim se figurava a sua imaginação cavalleirosa e exaltada: o desejo de cingir a corôa da Peninsula, o piedoso empenho de proteger uma mulher desvalida e quasi no berço, tão unida a elle pelos laços de sangue, e quem sabe tambem? à vaga perspectiva de realisar o sonho, em que o duque de Bragança lhe fallava na sua carta; tirar a espada que estava na torre de Fez, para com ella reduzir os inimigos da fe, e regenerar a christandade.

Quando D. Henrique de Castella falleceu na villa de Madrid, no anno de 1474, deixando no testamento declarada herdeira sua filha D. Joanna, nomeando el-rei D. Affonso governador dos reinos de Castella, e pedindo-lhe que casasse com sua filha, Affonso v convocando em conselho o principe e as principaes pessoas do reino, na villa de Estremoz onde residia aquelle tempo, deliberou-se a mandar a Castella Lopo de Albu-

(\*) E o principe desejando que el-rei seu padre com esperanza de acrescentar seus reinos de Portugal, acceitasse, e não se escusasse do casamento e empresa de Castella, tinha suas fallas e maneiras com esses principaes, a que revelava seu desejo com que os commovia, para que aconselhassem el-rei seu padre e o esforçassem para isso. Porque depois da sua morte, muitas vezes o principe D. João seu filho com aquella honestidade e reverença que devia, accusava a negligencia ou nam bom conselho de el-rei seu padre: porque nam consentira e acceitara os primeiros commettimentos dos casamentos de Castella, el-rei D. Affonso com a infanta D. Isabel, e elle com a princeza D. Joanna, com que de uma maneira ou d'outra foram de Hespanha pacificos reis e senhores.»

Chronica do senhor D. Affonso v por Ruy de Pina — Ineditos da Hist. Port. Tomo 1.º.



querque camareiro-mór que depois foi conde de Penamacor, para tratar com os partidarios da rainha D. Joanna.

Continua.

LOPES DE MENDONÇA.

### NOVO METHODO PARA A CONSERVAÇÃO DE CARNES-FRESCAS.

Talvez que do processo que vamos apontar se possa tirar proveito creando no paiz uma nova industria commercial, e por isso não hesitamos a presental-o aqui, seguros da vantagem que d'elle se pode colher.

Ate agora reduzia-se o systema para a conservação das carnes a cobrir as peças de uma camada de gelatina, o que nunca se empregou com grande vantagem.

O methodo de mr. Robert consegue conservar as carnes o gosto e a frescura. É da seguinte forma:

As peças que se quizerem preservar devem expurgar-se do sangue e de todas as partes sorozas, sendo logo expostas a uma corrente de ar natural, ou a acção de um ventilador. Os membros inteiros, e os volumes grandes são os mais susceptiveis de darem bons resultados.

Depois de seccos perfeitamente ao ar livre, suspendem-se as mesmas peças dentro de um vaso, caixa, tonel, ou mesmo casa, uma vez que seja de alvenaria, e que tenha as paredes forradas de taboas, ou de papel collado.

O apparelho preservador deve estar hermeticamente fechado, e com as portas guarnecidas de feltro, ou de caoutchouc, para impedir a entrada do ar externo. Além d'isto hade ter dois tubos de chumbo, um do lado superior, e outro do inferior, com uma torneira n'este ultimo.

Pelo tubo inferior introduz-se uma corrente de gaz acido sulphuroso; então o ar atmosphérico, expellido inteiramente, retira-se pelo tubo superior. A torneira adaptada ao apparelho serve para conter o gaz encerrado na camara.

Submettem-se as substancias á acção do gaz sulphuroso mais ou menos tempo, conforme o seu volume. A experiencia mostrou que as peças de dois ou tres kilogrammas requerem dez minutos, e que as de cem pedem uma operação de vinte e cinco.

Quando saem do apparelho, as substancias devem cobrir-se de uma capa finissima, feita de uma preparação composta de um kilogramma de albumina animal, dissolvida a branda temperatura em uma decocção forte de raiz de altéa ajudada de um pouco de melaço. Esta untura, da consistencia de uma pintura ordinaria, applica-se com uma brocha pequena sobre todas as partes, e mais em especial sobre aquellas por onde passou ferro, ou onde se virem cavidades.

A carne assim preparada secca-se ao ar, e não corre perigo de apodrecer. Pode-se armazenar,

ou metter em barris. Muito tempo depois, se o processo correr perfeito, hão-de achar-lhe a mesma frescura e as mesmas propriedades que tinha, servindo, como a acabada de cortar, para os usos culinarios.

A difficuldade da operação esta na acção do gaz acido sulphuroso. Em pequena quantidade não preserva; muito forte ataca os tecidos da carne.

O gaz acido sulphuroso em quantidades pouco consideraveis não prejudica a saude. Os inventores para maior segurança consultaram o conselho medico, e este, depois do devido exame, decidiu que não havia n'este processo coisa nociva. Impedindo a fermentação deixa a carne a frescura, o sabor, e as propriedades essenciaes, podendo-se conservar assim por quinze, vinte, e vinte e cinco dias sem inconveniente, no periodo que decorre de Junho até Outubro, isto é, na mais calmosa estação.

### MACHINA PARA ENCURVAR AS MADEIRAS.

Em Londres experimentou-se esta machina sobre uma peça de madeira de doze pés de comprimento e dezeseis pollegadas sobre sete de secção.

A machina é de ferro fundido, de forma rectangular, com um eixo central, em que assentam dois braços, um fixo e outro movel.

A madeira, antes de subjeita á operação, prepara-se a vapor, e aperta-se depois com um torno na extremidade do braço movel, de modo que, obrigando-se a girar, se applique gradualmente assegurando o outro extremo com uma cadêa forte, que sirva de fiador, exercendo grande pressão.

Parece que as madeiras de todas as qualidades e grandezas podem encurvar-se n'esta machina tão simples, tomando a figura que se de-sejar, augmentando-se-lhe a resistencia; ao passo que pelo methodo commum e despendioso, empregado até agora, a parte encurvada era sempre a mais fraca.

Com esta invenção, de hoje em diante, poderão apropriar-se as peças curvas á architectura, o que se não tentava pelo alto preço porque saiam.

Nos Estados-Unidos construiu-se já uma cathedral catholica com a cupula de madeira encurvada pelo processo mechanico, e ficou mais leve, mais barata, e mais forte do que as de ferro ou tijolo.

As madeiras, depois de tiradas do apparelho, devem conservar-se com a forma curva por meios sabidos até esfriarem e seccarem; mas concluida a operação, é impossivel restituil-as ao seu estado primitivo.

Sem esperança, e sem religião, a vida para o infeliz seria um verdadeiro inferno.